

José Condé

*Pernambucano de Caruaru – a que chamava carinhosamente de “meu país” – nascido em 1918, José Condé foi, conforme suas próprias palavras, “um escritor de tradição, entre a literatura pós-modernista de 30 e a geração de 45” – não se considerando um “regionalista”, como muitos o classificavam. Aos 10 anos, fundou seu primeiro jornal, manuscrito, na escola. O primeiro livro – **Caminhos na Sombra** – apareceu em 1945, vindo a seguir **Onda Selvagem**, em 1951, ano em que também foi publicado **A História da Cidade Morta**. Fundador do **Jornal das Letras**, José Condé dedicou-se também ao jornalismo. Em 1955 lançou as novelas **Os Dias Antigos**. Em 1959, alcança êxito editorial com **Um Ramo para Luísa**. Escreveu ainda **Terra de Caruaru**, **Vento de Amanhecer em Macambira** (1962); **Noite Contra Noite** (1965); **Pensão Riso da Noite** (1966) e a obra póstuma **As Chuvas**.*



José Condé

Para Maria Luisa, companheiro perfeito

Falar sobre José Condé é muito importante para mim. Sinto como se ele estivesse presente, vivo. O assunto é inesgotável e eu poderia passar horas conversando sobre ele. Não sei quantos anos sobreviverei ao Zé. Já lá se vão quase quatro. Posso afirmar que senti, com ele, o sabor gostoso da felicidade. Considerava-me a companheira perfeita, mas era o contrário. Ele o companheiro perfeito. Soube conduzir as coisas para melhor construir a trilha da chamada vida a dois, com todas as sensações do inesperado, todas as identificações de um percurso em comum, todos os encontros do emocional com o racional, exigidos pelo cotidiano, sem a pequenez da rotina e com dimensões de grandeza.

Nossa casa era alegre e movimentada com nossos amigos e os amigos das crianças. Era lá o consulado dos nordestinos que vinham fazer o Rio. Para eles, havia sempre uma palavra de estímulo, a hospedagem, a ajuda, a promessa ou o próprio emprego. Gostava de casa arrumada e de comprar coisas para casa. Tinha prazer em

viver bem, em uma boa mesa e em receber. Tudo constituía pretexto para uma reunião. Havia festas até nos aniversários dos nossos cachorros. Era uma criança grande quer aos construir castelos, nem sempre realizáveis, quer na incapacidade de previsão e apego aos bens materiais.

Seus grandes amores: eu e os filhos (Maria Regina, Vera Maria e Fernando Antônio) constituíam motivo constante de sua vida, a ponto de não sentir prazer em viajar ou fazer qualquer programa sem mim ou sem um deles. Sempre estávamos juntos. Somente nos separávamos quando ambos saíam para seus respectivos trabalhos. Amava os animais, aos quais tratava como se fossem pessoas. Nossos dois cachorros, Teddy e Pepito, eram como seus filhos a quem estragava, mimava e deseducava. Foram, ambos, seus companheiros na saúde e na doença. (Teddy morreu oito meses depois dele, creio que não suportando sua falta, pois não se podia pronunciar seu nome que saía pela casa procurando-o). No nosso sítio, não deixava matar galinhas e patos que criávamos. Abrigava todos os cães sem dono da redondeza.

Dormia oito horas por noite. Quando acordava, primeiro tomava um cafezinho, acendia um cigarro e lia os jornais. Depois, pedia um copo de leite gelado, brincava com os cachorros ou provocava-os. Dava vários telefonemas a amigos do mundo das letras e entrava em seu gabinete para escrever. Trabalhava em casa na parte da manhã. Vez por outra, chamava a copeira, pedia um café, uma fruta ou suco. O almoço era a sua 1.^a refeição sólida. Gostava de escrever à máquina ouvindo música. Conforme seu estado de espírito ouvia Mozart, Haendel, Bach, Haydin, Beethoven, Schubert, Brahms, Chopin, Vivaldi, Scarlati, Tchaikowsky, Liszt e Rimsky-Korsakow. Escutava com frequência uns prelúdios de Bach, em cravo, interpretados por Wanda Landowska. Nas reuniões em casa colocava música popular brasileira. Adorava cantar serestas. Ouvia, também, americanas, canções francesas e, logicamente, o frevo. Depois do almoço, saía para o jornal e para o INPS, de onde era Procurador. Gostava da noite e saíamos muito.

Os cachorros, pela manhã, faziam ponto no seu gabinete de trabalho. Ele na máquina, um deitado em seus pés e o outro numa marquesa ou poltrona ao lado da mesa, num revezamento contínuo. Depois de doente, saindo pouco de casa, vieram novos hábitos, mas Teddy e Pepito sempre lhe fazendo companhia. Onde estivesse, deitavam-se a seu lado, nas horas de repouso, na poltrona ou no “sommier” do quarto, ou brincavam no jardim da casa enquanto ele ia sentar numa “chaise-longue” que havia na varanda. Naquela fase, escreveu dois livros, recostado na cama com uma tábua onde prendia o papel. Não admitia que se falasse sobre a vida dos outros e detestava injustiças e ingratidões.

Lia muito, sobretudo antes de dormir. Não dormia sem ler e sem rezar. Era uma estranha oração. Não era religioso e ignorava quaisquer textos prontos até mesmo, creio, uma Ave-Maria. Mas rezava. Rezava e benzia-se. Ficava aborrecido porque nós (as crianças e eu nos divertíamos com a cena). Parecia uma carpi-deira do Nordeste: rezando e benzendo-se, com os lábios mexendo. Suas orações eram dirigidas aos vivos, sobretudo aos filhos, e a uma frota de mortos bastante eclética: amigos de infância, amigos recentes, parentes, D. Pedro II, Tiradentes, Dantas Barreto (ex-governador de Pernambuco), a Princesa Isabel, um **garçon** da pensão onde morou quando estudante de direito, Mozart, duas ex-escravas de seus avós, alguns vultos da Revolução Francesa, e até, nos últimos meses de vida, a amigos queridos recentemente falecidos: Eneida e Nestor de Holanda.

Creio que dei um “flash” das 24 horas na rotina de José Condé. Por aqui a gente vai se lembrando dele e podendo constatar que suas qualidades suplantavam os defeitos. A mim, deixou uma grande lição de vida com sua beleza interior e com as suas qualidades de gente.

Buscando nos mais língücos momentos de